

## **Prática de conjunto nos estágios iniciais de formação musical: uma proposta integradora**

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: EDUCAÇÃO MUSICAL

*Daniel Augusto Oliveira Machado*

*Escola de Música da UFMG; Fundação de Educação Artística - danielaugustoom@gmail.com*

**Resumo:** A prática de conjunto pode ser uma das mais eficientes formas de se adquirir conhecimentos musicais. Partindo do princípio de que todos podem fazer música coletivamente, o objetivo do presente estudo é relatar uma experiência de prática de conjunto conduzida com uma turma de dezesseis alunos iniciantes nos estudos musicais formais. Os depoimentos dos alunos sobre as atividades realizadas em sala de aula sugerem que a experiência da prática de conjunto não só é possível, como também é desejável e importante para um processo de formação musical efetivo e prazeroso.

**Palavras-chave:** Prática de conjunto. Formação musical. Integração. Educação musical.

### **Music Ensemble in the Initial Stages of Musical Training: An Integrative Approach**

**Abstract:** Music ensemble can be one of the most effective ways to acquire musical knowledge. Assuming that everyone can make music collectively, the purpose of this study is to report a music ensemble experience conducted with a group of sixteen newcomers in formal music studies. The students' statements about classroom activities suggest that the experience of music ensemble is not only possible, but also desirable and important for an effective and enjoyable musical training process.

**Keywords:** Music ensemble. Musical training process. Integration. Music education.

## **1. Introdução**

A prática de conjunto pode ser uma das mais eficientes formas de se adquirir conhecimentos musicais, até mesmo nos estágios iniciais da formação musical. Como Bastião (2012, p. 60), entendo que a prática de conjunto instrumental ou vocal pode ser uma rica e eficiente estratégia metodológica para a educação musical e para o educador musical, pois, “[...] envolvendo diversas formações musicais, favorece o trabalho em diversos contextos educacionais e com alunos de diferentes faixas etárias e níveis de conhecimento musical. Por meio dessa prática grupal, o ensino instrumental torna-se mais dinâmico e prazeroso [...]” (BASTIÃO, 2012, p. 60).

Embora algumas pedagogias (Dalcroze, Kodály, entre outros<sup>1</sup>) foquem no ensino e aprendizagem da música através do canto, sem a presença de instrumentos musicais no início dos estudos, sabe-se que boa parte dos alunos que começam a estudar música anseia por aprender a tocar um instrumento musical de imediato. É sabido que muitos músicos profissionais iniciaram seus estudos tocando em conjuntos musicais, e com eles aprenderam

muito do que hoje fazem e, em alguns casos, ensinam. Quando a prática antecede a teoria, quando a experiência antecede o conceito, o aprendizado torna-se mais prazeroso e eficiente. Partindo dessa premissa, podemos sugerir que, se for do interesse do aluno, a introdução da prática de conjunto nas primeiras etapas de sua formação musical é bem-vinda.

Ao se referir à prática coral, Figueiredo (2005, p. 336) lembra que essa atividade “[...] pode contribuir para a ampliação do universo sonoro dos participantes através da realização de repertório diversificado [...]” e “[...] pode relacionar-se a experiências de performance em grupo através de apresentações públicas dos trabalhos realizados [...]”. Da mesma forma, a prática de conjunto pode ter funções semelhantes.

Partindo do princípio de que todos podem fazer música coletivamente nos estágios iniciais da formação musical, resolvi colocar essa ideia à prova em uma experiência prática conduzida com uma turma iniciante nos estudos musicais formais, com dezesseis alunos adultos (com idades entre dezoito e quarenta e cinco anos), no contexto da escola Fundação de Educação Artística (Belo Horizonte / MG), que oferece cursos livres de música. De início, a prática de conjunto não estava prevista para ser abordada naquele primeiro semestre do curso de musicalização oferecido pela FEA, mas ao perceber nos alunos um grande interesse pelo assunto, tomei a liberdade de reservar as duas últimas aulas do semestre para conduzir uma prática de conjunto com aquela turma iniciante nos estudos musicais formais.

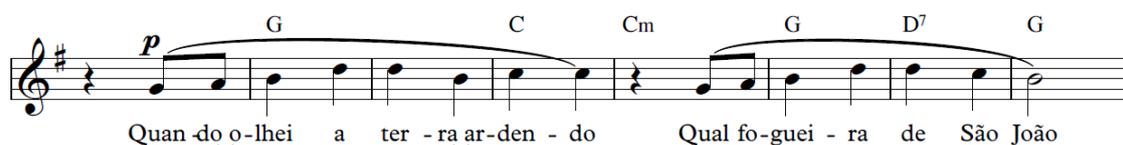
Em duas aulas com duração de noventa minutos cada, aprendemos e desenvolvemos um arranjo para uma canção brasileira escolhida pelos alunos. Ao final do segundo encontro, realizamos uma apresentação na Sala Sergio Magnani (FEA, Belo Horizonte / MG). O registro em vídeo dessa apresentação está disponível no YouTube: <https://youtu.be/kvT4WE3wp70>. Após a conclusão dessas atividades e da produção do vídeo, os alunos participantes responderam a um questionário que visava colher suas percepções sobre essa experiência com a prática de conjunto naquele momento de sua formação musical.

A seguir, passarei à descrição das atividades e, em seguida, buscarei dar visibilidade às principais respostas dos alunos que elucidam as discussões propostas. Os dados coletados, como veremos, revelam a percepção dos alunos sobre o que aprenderam ao longo do processo de preparação – elaboração e ensaio – arranjo (Aula 1), ao longo da apresentação/gravação do arranjo (Aula 2) e ao assistir ao vídeo da apresentação.

## 2. Descrição das atividades de prática de conjunto desenvolvidas no contexto da sala de aula

Aula 1:

No início da primeira das duas aulas, pedi aos alunos que escolhessem uma música para desenvolvermos um arranjo que aquela turma pudesse tocar. Escolheram a canção brasileira *Asa Branca* (Luiz Gonzaga & Humberto Teixeira) para aprenderem e tocarem em grupo. Antes de passarmos aos instrumentos, os alunos aprenderam a música escolhida primeiro por meio do canto e da percussão corporal. Os alunos cantaram:



Musical notation for the main melody of "Asa Branca". It is written in G major (one sharp) and 2/4 time. The melody starts with a piano (*p*) dynamic. The notes are: G4 (quarter), A4 (quarter), B4 (quarter), C5 (quarter), B4 (quarter), A4 (quarter), G4 (quarter), G4 (quarter), A4 (quarter), B4 (quarter), C5 (quarter), B4 (quarter), A4 (quarter), G4 (quarter). Chords indicated above the staff are: G (over G4-A4), C (over B4-C5), Cm (over B4-A4), G (over G4-A4), D7 (over B4-C5), and G (over G4). The lyrics are: "Quan-do o-lhei a ter-ra ar-den-do Qual fo-guei-ra de São João".

Figura 1: melodia principal (trecho)

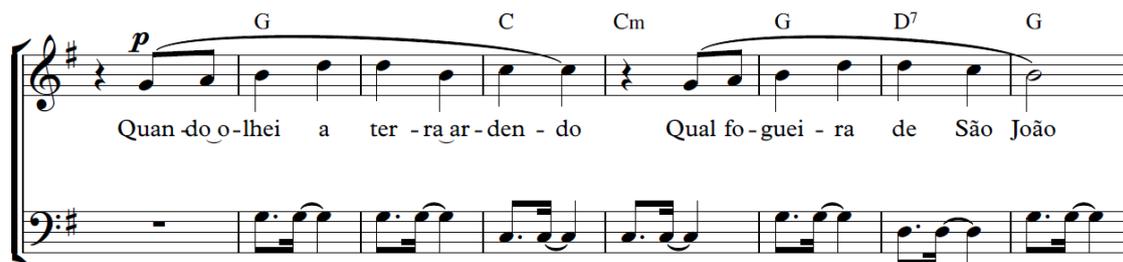
Por se tratar de uma canção brasileira bem popular, todos os alunos já conheciam a melodia.



Musical notation for an additional voice part. It is written in G major and 2/4 time. The notes are: G4 (quarter), A4 (quarter), B4 (quarter), C5 (quarter), B4 (quarter), A4 (quarter), G4 (quarter), G4 (quarter), A4 (quarter), B4 (quarter), C5 (quarter), B4 (quarter), A4 (quarter), G4 (quarter). Chords indicated above the staff are: G/F (over G4-A4), C/E (over B4-C5), Cm/Eb (over B4-A4), D7 (over B4-C5), and G (over G4). The lyrics are: "Eu per gun-tei a Deus do céu, ai, Por que ta-ma-nha ju-di-a-ção".

Figura 2: voz adicional (melodia superior) na repetição da 2ª parte da melodia

Para abrir o vocal, escolhi o verso que é repetida na música. Dessa forma, a repetição soaria diferente, mais densa com o acréscimo da segunda voz praticamente paralela à melodia principal, movimentando-se quase sempre por terças paralelas, em um procedimento quase intuitivo e de fácil aprendizado.



Musical notation for the bass line of "Asa Branca". It is written in G major and 2/4 time. The notes are: G3 (quarter), F3 (quarter), E3 (quarter), D3 (quarter), C3 (quarter), B2 (quarter), A2 (quarter), G2 (quarter), G2 (quarter), F3 (quarter), E3 (quarter), D3 (quarter), C3 (quarter), B2 (quarter), A2 (quarter), G2 (quarter). Chords indicated above the staff are: G (over G4-A4), C (over B4-C5), Cm (over B4-A4), G (over G4-A4), D7 (over B4-C5), and G (over G4). The lyrics are: "Quan-do o-lhei a ter-ra ar-den-do Qual fo-guei-ra de São João".

Figura 3: linha do baixo

Cantar os baixos dos acordes escolhidos (vocalizando, com “*tum-dum*”) levou os alunos a perceberem a base da estrutura harmônica, com os acordes escolhidos. Em seguida, tocamos o ritmo do baião com percussão corporal.

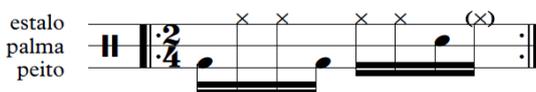


Figura 4: baião com percussão corporal

Os alunos experimentaram o baião primeiro no corpo, executando o ritmo de baião com percussão corporal, depois o transferindo para os instrumentos de percussão disponíveis (bateria, cajon, chocalho, clava, tambor etc.).

Dessa forma, tendo passado por essas etapas, todos os alunos puderam ter uma noção geral dos componentes básicos da música escolhida. Durante todo o processo de ensino e aprendizagem da música, nenhum tipo de notação musical foi utilizado, ou seja, os alunos puderam experimentar e treinar a habilidade de aprender e tocar de ouvido. Como a letra da canção é bastante extensa, eu forneci aos alunos uma folha com as cinco estrofes da música, além de espaço em branco para que pudessem fazer algumas anotações pessoais referentes ao arranjo que seria elaborado.

Após fazer um rápido mapeamento do instrumental disponível (alguns instrumentos pertenciam aos alunos, outros à escola), defini com os alunos, de acordo com seus próprios interesses, o instrumento que cada um tocaria. Dei início ao processo de elaboração do arranjo, buscando sempre ideias para chegar a uma proposta praticável para aquela turma. Havia na turma, por exemplo, alunos que estavam tendo os primeiros contatos com violão, violoncelo e instrumentos de percussão. Nesse caso, era fundamental que o arranjo ficasse acessível para esses alunos. Um dos pontos decisivos para isso acontecer foi a escolha da tonalidade de G (sol maior), aproveitando a possibilidade de maior uso das cordas soltas dos instrumentos de cordas (violino, viola, violoncelo, contrabaixo e violão).

É válido destacar que, embora a turma fosse iniciante no curso livre de formação musical oferecido pela FEA, alguns alunos já tinham uma experiência prática em alguns instrumentos, por terem tomado aulas particulares ou aprendido por conta própria, principalmente por meio de vídeos na internet, ou ainda com a ajuda de amigos. Foi o caso, por exemplo, dos alunos que tocaram os instrumentos do naipe das cordas: violino, viola,

violoncelo I e contrabaixo. Com a base que tinham, esses alunos puderam trabalhar a música nesses instrumentos, mas de uma forma nova para eles: sem uso de partitura tradicional.

Ao final da aula, tocamos algumas vezes a música inteira até que todos ganhassem segurança com ela.

#### Aula 2:

Na segunda e última aula, antes de partirmos para a gravação (registro em vídeo), nós nos concentramos em repassar e reforçar o que foi aprendido na aula anterior, e então passamos a experimentar as várias possibilidades de combinação e valorização dos instrumentos presentes no grupo. Ao pensarmos na forma e estrutura do arranjo, procuramos dar atenção e espaço para todos os instrumentos aparecerem de forma equilibrada, alternando e variando a instrumentação em cada estrofe da música. Uma vez que a melodia principal é repetida cinco vezes com diferentes estrofes, tivemos a chance de explorar, de forma equilibrada, diferentes instrumentações em cada uma das repetições da melodia principal, de forma a valorizar todos os instrumentos presentes no grupo: 1ª estrofe: vozes, piano, bateria, violino, viola, violoncelos I e II e contrabaixo. 2ª estrofe (*Tutti*): vozes, violão, piano, triângulo, chocalho, clava, zabumba, bateria, violino, viola, violoncelos I e II e contrabaixo. 3ª estrofe: vozes, violão e violino. 4ª estrofe: vozes, violão, piano, zabumba, bateria, violino, viola, violoncelos I e II e contrabaixo. 5ª estrofe (*Tutti*): vozes, violão, piano, triângulo, chocalho, clava, zabumba, bateria, violino, viola, violoncelos I e II e contrabaixo.

Por fim, tocamos a música inteira algumas vezes para que todos ficassem seguros com o arranjo e em seguida fizemos a gravação, fechando o processo. Foi interessante notar que a iminência de uma apresentação/gravação funcionou como uma forte motivação para o trabalho concentrado, sem, no entanto, tirar o prazer da atividade realizada.

### **3. Conhecimentos e habilidades musicais e extramusicais adquiridas na experiência prática de conjunto**

Dos dezesseis alunos participantes da experiência aqui relatada, de acordo com seus depoimentos com relação à experiência anterior com a prática de conjunto, metade da turma nunca havia tocado em grupo, enquanto a outra parte havia tocado em conjuntos musicais, no geral de forma intermitente. Além disso, a experiência de tocar em um grupo de dezesseis integrantes com perfis heterogêneos foi inédita para todos. Como Joly & Joly (2014, p. 80), entendo que “É nessa diversidade que acreditamos existir um potencial de ensino e de

aprendizagem específico”. No quadro seguinte, agrupei as respostas dos alunos<sup>2</sup> organizadas em categorias de conhecimento/habilidade musicais e extramusicais adquiridos:

<b>Arranjo e instrumentação</b>
<p><b>Dilmar Júnior (contrabaixo acústico):</b> Ao longo do processo pude entender melhor como funciona cada instrumento em conjunto. Também nunca tinha passado por uma gravação, então foi maravilhoso poder ver como é feita.</p> <p><b>Mércia Castro (voz e percussão):</b> Observei que criamos um movimento na música para que o ouvinte possa se surpreender em cada parte. Ainda que a melodia se repita em várias estrofes, pode-se perceber que em cada uma delas instrumentos distintos se destacam. Eu conheci mais de perto alguns instrumentos, como o violoncelo, contrabaixo e viola. Ficou mais claro que instrumentos diferentes, de sons e timbres diferentes, podem se encaixar muito bem numa música popular.</p> <p><b>Ronaldo Pinheiro (violão):</b> Comecei a entender melhor a função de cada instrumento dentro do grupo e no arranjo.</p> <p><b>Yolanda Gonçalves (viola):</b> Ao longo da apresentação eu aprendi que cada instrumento tem sua função para o preenchimento da música.</p>
<b>Autoavaliação</b>
<p><b>Dilmar Júnior (contrabaixo acústico):</b> Depois de assistir ao vídeo da apresentação, pude notar os pontos melhores da apresentação e os que não fui tão bem, então pude entender que gravar e rever é uma ótima estratégia para melhorar e cada vez mais se aproximar de uma apresentação perfeita. As repetições nos fizeram melhorar muito.</p> <p><b>Fernanda Godoy (guitarra):</b> Antes eu me considerava uma guitarrista muito fraca para convidar alguém para fazer um som. Percebi que é já possível fazer um som de uma maneira casual e descontraída.</p> <p><b>Pedro Santos (zabumba):</b> Ficou nítida a evolução de todos os alunos da primeira para a segunda aula.</p> <p><b>Rafael Prates (voz e percussão):</b> Tudo isso me inspirou a ir além e buscar desenvolver mais e melhor aquilo que acredito.</p>
<b>Coleguismo, inclusão e trabalho em equipe</b>
<p><b>Bernardo Campolina (voz e percussão):</b> Entendi a importância do grupo em se auto ajudar. A postura do grupo é algo importante, todos agindo de maneira muito respeitosa com os colegas o que garante àqueles que possuem um pouco mais de dificuldade (meu caso) um conforto para continuar e tentar fazer o melhor.</p> <p><b>Fernanda Godoy (guitarra):</b> Quando a ideia foi lançada, as expressões e comportamentos me pareciam de timidez, insegurança, ansiedade etc. Na medida em que você foi conduzindo a aula, eu vi sorrisos e olhos brilhando. A disposição e o respeito de todos foi o que mais fez a <i>good vibe</i> fluir. O fato de ver pessoas que ainda nem sabem pegar direito no instrumento fazendo o som acontecer foi incrível.</p> <p><b>Glória Costa (violino):</b> Outro grande aprendizado foi perceber que cada um é importante, o todo se sobrepõe às partes, mas não prescinde delas.</p> <p><b>Jaiza Lobo (violoncelo):</b> Achei a experiência super válida, já que eu só havia tocado meu instrumento em casa ou na aula de violoncelo. Na primeira aula eu me senti um pouco amedrontada de tocar na frente de outras pessoas um instrumento que ainda estava tentando criar intimidade. Já na segunda aula eu me senti mais à vontade, e mesmo com as dificuldades decorrentes da pouca familiaridade com o instrumento, pude sentir a música, interagir com os colegas (ouvir o som dos outros instrumentos), aproveitar melhor o momento.</p> <p><b>Laís Rodrigues (voz e percussão):</b> Aprendi que a união é fundamental para que o grupo trabalhe em harmonia.</p> <p><b>Mércia Castro (voz e percussão):</b> Foi um trabalho sensacional! O professor nos conduziu muito bem. Mesmo em níveis de experiência diferentes, uns já tocando há algum tempo, outros iniciando os estudos em um instrumento e até mesmo na musicalização, nós conseguimos compreender a proposta, criar o arranjo e executar a música.</p> <p><b>Pedro Santos (zabumba):</b> Foi interessante ver que, mesmo com músicos que sequer convivem (como banda), de idades diferentes, com pouco conhecimento um do outro, muitos iniciantes nos seus instrumentos (inclusive eu, que toquei zabumba pela primeira vez), obtivemos um resultado bom, num curto espaço de tempo. Confirmei que a música tocada, em conjunto, necessita da integração, empatia, sincronia e criatividade de todos.</p>
<b>Expressão e interpretação</b>
<p><b>Débora Araújo (violoncelo):</b> Aprendi a tocar de modo a sentir a música dentro de mim, e sei que dessa forma consigo transmitir para as pessoas que a música não é só ritmo ou notas, mas principalmente sentimento.</p> <p><b>Dilmar Júnior (contrabaixo acústico):</b> Foi uma das vezes mais prazerosas que toquei e com certeza cresci bastante musicalmente e pessoalmente.</p> <p><b>Yolanda Gonçalves (viola):</b> A segunda aula me permitiu sentir como é estar em uma apresentação e em uma gravação. Concedeu também, ver e participar da integração dos alunos.</p>
<b>Percepção musical e escuta ativa</b>

<p><b>Adélcio Moreira (violão):</b> Achei muito importante vivenciar o ritmo do baião, corporalmente antes de tentar reproduzi-lo no violão.</p> <p><b>Bernardo Campolina (voz e percussão):</b> A experiência alterou completamente a minha percepção em relação aos instrumentos para entrar com a voz no momento correto.</p> <p><b>David Paim (bateria):</b> Aprendi a valorizar a necessidade de ouvir cada instrumento em conjunto, sabendo o espaço de cada som no arranjo para que a música aconteça.</p> <p><b>Fernanda Godoy (guitarra):</b> Gostei também de sentir que meus ouvidos ampliaram a percepção dos sons no entorno. Em vários momentos fui tentando escutar não só o meu instrumento, mas o dos colegas também.</p> <p><b>Haroldo Andrade (voz e percussão):</b> Entendi que o volume deve estar de uma forma tal que seja possível discernir todos os instrumentos em harmonia no conjunto.</p> <p><b>Laís Rodrigues (voz e percussão):</b> Aprendi que a concentração, atenção e a percepção de pequenos detalhes são importantes para o trabalho em conjunto.</p>
<b>Segurança para se apresentar em público</b>
<p><b>Adélcio Moreira (violão):</b> A prática em conjunto ajuda a construir a segurança necessária para se apresentar em público.</p> <p><b>Bernardo Campolina (voz e percussão):</b> Gostei muito da experiência. Apesar de lidar com público o tempo todo – pois sou professor – a experiência de um palco e de uma gravação foram algo inédito e bastante diferente em relação a uma sala de aula convencional.</p> <p><b>Glória Costa (violino):</b> Neste segundo encontro enfrentei o medo. Aprendi que a concentração e o treinamento são, a meu ver, fundamentais para tocar em conjunto. Apesar do pouco tempo de ensaio, o resultado foi surpreendente.</p>

Tabela 1: conhecimentos e habilidades musicais e extramusicais adquiridas na experiência prática de conjunto

#### 4. Conclusões

A validade deste estudo pode estar relacionada ao próprio ponto de vista dos alunos, que são, em última análise, a ponta final da profissão e do trabalho do educador musical. Acredito não haver outro argumento mais importante para tal constatação do que a percepção dos próprios alunos a respeito de uma experiência por eles vivenciada. Assim, é possível verificar que a experiência da prática de conjunto nos estágios iniciais da formação musical não só é possível como também é desejável e importante para um processo de formação musical efetivo e prazeroso para os alunos.

Pela experiência aqui relatada e também pela minha própria, eu concordo e entendo que não é má ideia ter os primeiros contatos com a música por meio de um instrumento musical. A palavra “instrumento” tem sua origem etimológica no latim, *instrumentum*<sup>3</sup>, “que instrui a mente”. Nesse sentido, um instrumento musical torna-se para o aprendiz um verdadeiro aliado e uma boa referência sonora para o desenvolvimento da própria percepção musical.

A experiência da prática de conjunto intensifica tanto o prazer individual quanto o coletivo no estudo da música. As atividades propostas estimularam a autonomia dos alunos, sua capacidade de escolha e o prazer em tocar de ouvido, aumentando a confiança, expandindo habilidades auditivas e seu horizonte musical. Concordando com Carvalho & Ray (2006, p. 1028), é preciso lembrar que a prática de conjunto

[...] proporciona ao aluno a busca de sua maneira de expressar artisticamente e manter sua própria identidade, sem medo de ser único na sua maneira de ser. Ela também pode propiciar uma maior bagagem musical e técnica para a interpretação, já que há uma grande troca de conhecimentos entre os colegas sobre aspectos como de execução e sonoridade, ou seja, maneiras diferentes de expressão de cada indivíduo que podem ser combinadas de maneira satisfatória para todos. (CARVALHO & RAY, 2006, 1028).

Portanto, considero válida a inserção de instrumentos musicais já nos primeiros estágios dos processos de musicalização. Nesse caso, a execução instrumental não precisa ser vista, no que se refere à metodologia, como um ensino tradicional do instrumento (com domínio de complexidade técnica e leitura da partitura), mas como uma oportunidade de vivência instrumental imediata e intuitiva. Toda vivência musical leva naturalmente ao crescente domínio de habilidades (reproduzir, interpretar, grafar e ler) com os elementos da linguagem musical.

### Referências:

- BASTIÃO, Zuraida Abud. Prática de conjunto instrumental na educação básica. *Música na Educação Básica*. Londrina, v.4, n.4, novembro de 2012.
- Carvalho, V. D., & Ray, S. Intersecção da prática camerística com o ensino do instrumento musical. In XVI Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música (ANPPOM), 2006, Brasília. *Anais do XVI Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música*. Brasília, 2006. 1027-1031.
- FIGUEIREDO, S. L. F. A prática coral na formação musical: um estudo em cursos superiores de Licenciatura e Bacharelado em música. In XV Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação (ANPPOM), 2005, Rio de Janeiro. *Anais do XV Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música*. Rio de Janeiro, 2005. 362-369.
- Joly, M. C. L., & Joly, I. Z. L. Práticas musicais coletivas: um olhar para a convivência em uma orquestra comunitária. *Revista da ABEM*, Londrina, v. 16, n. 26, p. 79-91, 2011.
- MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz (Org.). *Pedagogias em educação musical*. Curitiba: InterSaberes, 2012

### Notas

---

<sup>1</sup> Pesquisa sobre o assunto realizada em: MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz (Org.). *Pedagogias em educação musical*. Curitiba: InterSaberes, 2012.

<sup>2</sup> Ao responderem e devolverem o questionário aplicado, os alunos concordaram com a divulgação de suas opiniões neste estudo.

<sup>3</sup> Disponível em <<http://www.wordreference.com/definition/instrument>>, acessado em 02/04/2018.